



Carta de Conjuntura FEE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Secretaria do Planejamento e Gestão
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA
Siegfried Emanuel Heuser

ANO 17 Nº 1
Janeiro de 2008

Crescem as exportações gaúchas em 2007

Ao longo de 2007 — de janeiro a novembro, até quando havia dados disponíveis —, as exportações gaúchas cresceram, em valor, aproximadamente 28%. Trata-se de um ótimo desempenho, mesmo considerando uma base comparativa um pouco deprimida, dadas as frustrações das safras agrícolas de 2004 e 2005, cujos volumes não foram integralmente recuperados em 2006. Esse desempenho supera o aumento das exportações brasileiras, de 17% no mesmo período, e as estimativas para 2007 do crescimento do PIB e do comércio mundial, de 5% e 14%, respectivamente, conforme o FMI, e das exportações latino-americanas, de 12%, segundo a CEPAL.

Dentre os principais produtos exportados, cabe destacar a excelente *performance* daqueles do complexo soja — grão, farelo e óleo —, do fumo, das carnes de aves e de suínos e dos produtos petroquímicos. Desses, o melhor desempenho foi o da soja em grão, porque, além de uma colheita recorde, houve expressivo crescimento dos preços no mercado internacional, devido ao incentivo ao cultivo do milho nos EUA — para a produção de etanol — e à forte demanda chinesa. Nem todo esse ganho, entretanto, foi transferido ao produtor rural, em razão da continuidade do processo de valorização cambial, que comprimiu a receita em reais. Pela sua importância no comércio exportador gaúcho, chama atenção, novamente, o fraco desempenho das exportações de calçados, cujos produtores, há um bom tempo, tentam escapar da concorrência chinesa agregando valor ao seu produto e, com isso, buscando apoderar-se de uma nova fatia de mercado. Nesse processo de “transição”, o que se pode concluir, até agora, é que a queda na quantidade de pares exportados vem sendo apenas parcialmente amortecida pela elevação de seu preço médio.

Dos outros produtos relevantes da pauta exportadora, registra-se o crescimento nas vendas externas de móveis (11%), cuja indústria vem diversificando mercados como forma de sobreviver ao câmbio baixo e à concorrência chinesa. Também aumentaram as exportações de couros (4%), onde continua o processo de substituição dos couros de menor valor pelos de maior valor agregado. Como destaque negativo, tem-se a queda nas vendas externas de carne bovina (-58%), devido à escassez de animais para abate no Estado e à proibição do ingresso de bovinos de outros estados. Como destaque positivo, salienta-se o salto vertiginoso nas exportações de combustíveis minerais — óleo diesel e gasolina —, que cresceram 210% em 2007. Esse resultado é fruto de alterações logísticas e da ampliação de 50% na capacidade de produção da refinaria Alberto Pasqualini.

Existe, nas vendas externas do RS, uma tendência ao aumento na participação de produtos intensivos em recursos naturais em detrimento daqueles intensivos em trabalho. Isso se verifica na medida em que, com o aprofundamento da divisão internacional do trabalho, fica difícil ao Estado competir no custo da mão-de-obra com outras nações, como China, Índia e Vietnã. A futura implantação de três grandes plataformas exportadoras de celulose no Estado parece reforçar essa tendência. Todavia, uma vez que a fronteira agrícola estadual está esgotada, a “falta de espaço” pode acirrar a concorrência entre os produtos intensivos em recursos naturais, limitando a expansão de todos ao mesmo tempo, na pauta exportadora gaúcha.

Valor, variação percentual e principais destinos das principais exportações do RS — 2007

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (1) (US\$ milhão)	VARIAÇÃO PERCENTUAL 2007/2006	PRINCIPAL DESTINO
Complexo soja	2 364	87,0	China (40%)
Fumo	1 567	33,0	Bélgica (18%)
Carnes	1 545	9,6	Rússia (36%)
Calçados	1 180	-2,0	EUA (42%)
Produtos petro- químicos	821	17,8	Argentina (36%)
Subtotal	7 476	30,0	China (17%)
Outros	6 264	25,2	EUA (16%)
TOTAL	13 740	27,7	EUA (12%)

FONTE: MDIC/SECEX/Sistema Alice.

(1) Os valores referem-se a jan.-nov./07.

Álvaro Garcia (FEE/CEES)

Emprego formal: novo recorde no País e recuperação no RS

A geração de emprego formal no Brasil bateu novo recorde de janeiro a novembro de 2007, quando foram criados 1.936.806 postos de trabalho celetistas. Esse foi o maior saldo da série histórica do **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados** (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, para o mesmo período, superando a marca de 2004 (1.875.360), até então o melhor resultado. O aquecimento da economia (previsão de crescimento do PIB em torno de 5% em 2007) e o vigor da retomada do mercado imobiliário promoveram a expansão generalizada do emprego. Todos os setores apresentaram elevação, liderados pelo setor serviços, com 627.898 postos — recorde na série histórica do setor —, e pela indústria de transformação, com 537.556 postos — um resultado só superado

pelo de 2004. Destacam-se também o comércio, com 374.962 postos, e a construção civil, com 202.636 vagas — outro recorde no setor e a maior taxa de crescimento no período jan.-nov./07 (15%).

O desempenho do mercado de trabalho formal no Rio Grande do Sul, embora ainda esteja aquém do verificado em 2004, já dá sinais visíveis de recuperação, com a geração líquida de 102.389 empregos celetistas nos 11 meses de 2007 (crescimento de 5,3%), bem acima do registrado no mesmo período em 2005 e 2006. A indústria de transformação é a responsável pela maior parte das vagas acrescidas em 2007, seguida pelo setor serviços e pelo comércio, enquanto a construção civil exhibe o maior incremento relativo (13,6%).

Evolução do emprego formal, por setor de atividade econômica, no Brasil e no Rio Grande do Sul — jan.-nov./07

SETORES	BRASIL		RIO GRANDE DO SUL	
	Saldo (admitidos-desligados)	Variação Percentual do Emprego	Saldo (admitidos-desligados)	Variação Percentual do Emprego
TOTAL (1)	1 936 806	7,00	102 389	5,31
Extrativa mineral	9 634	5,83	40	0,74
Indústria de transformação	537 556	8,30	38 858	6,29
Serviços industriais e de utilidade pública	7 500	2,37	648	3,13
Construção civil	202 636	15,00	8 972	13,59
Comércio	374 962	6,08	23 412	5,65
Serviços	627 898	5,66	26 477	3,93
Administração pública	33 876	5,24	-441	-0,82
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	142 744	9,91	4 423	5,68

FONTE: CAGED-MTE.

(1) No total das atividades, foi incluído o setor "outros".

Maria Isabel H. da Jornada (FEE/CEES)

Saldo em transações correntes cresce menos em 2007

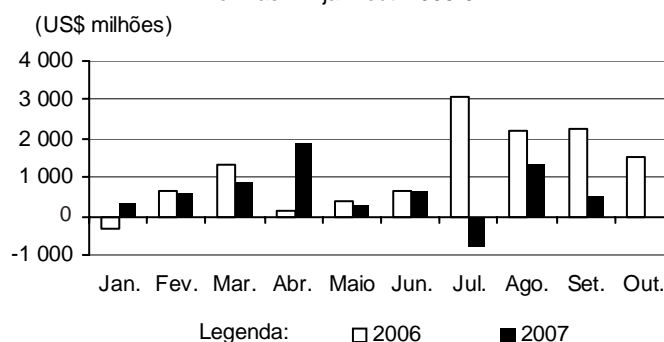
Uma das características do ajuste externo brasileiro promovido após 2002 é o progressivo aumento no saldo em transações correntes. Este decorreu, basicamente, do avanço do saldo comercial brasileiro, devido ao incremento nos preços das *commodities* (88% de crescimento médio entre 2002 e 2006), tributário do maior dinamismo da economia mundial, alavancado pelas excepcionais taxas de crescimento da economia chinesa.

Embora ainda se projete, para 2007, um avanço expressivo da economia mundial, a despeito da crise de crédito originada nos EUA, nota-se uma crescente redução do saldo corrente brasileiro, quando comparado com o de 2006. Entre janeiro e outubro de 2007 frente aos mesmos meses de 2006, essa conta teve redução de mais de 50% em seu resultado, tendência que vem se acelerando principalmente a partir de julho, com a piora no superávit comercial e com o avanço do déficit nas contas de serviços e rendas.

A continuada valorização cambial, somada à aceleração no ritmo de crescimento da economia nacional, pode ser apontada como a principal responsável por essa deterioração, que tem sido plenamente compensada pelo avanço no saldo financeiro, permitindo a continuidade da ampliação das reservas

pelo Governo brasileiro. Fica, entretanto, um sinal de alerta para a mudança para um padrão menos saudável de financiamento do setor externo da economia brasileira.

Evolução do saldo em transações correntes no Brasil — jan.-out. 2006-07



FONTE: Bacen/Depec.

André Luís Forti Scherer (FEE/CEES)



Tenha acesso a esta e a outras
publicações em
nossa Home Page
www.fee.rs.gov.br

Carta
de
Conjuntura FEE

Carta de Conjuntura - Ano 17 nº 1

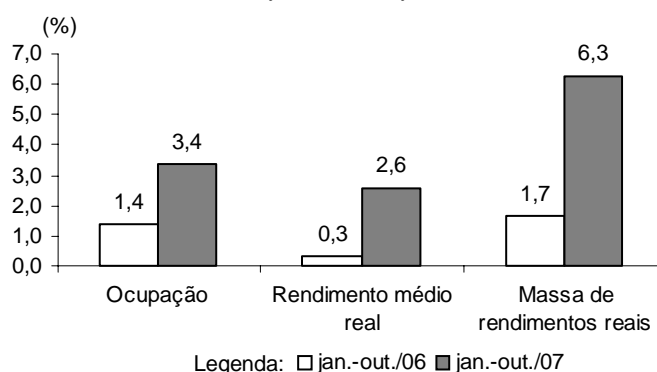
Massa de rendimentos reais apresenta comportamento positivo na RMPA

De acordo com os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA), a massa de rendimentos reais dos ocupados apresentou comportamento positivo no período jan.-out./07, com um crescimento de 6,3% em relação a igual período do ano anterior. Tal desempenho é muito superior ao observado por esse indicador em 2006, o qual apresentou uma pequena variação positiva naquele ano, na mesma base comparativa, de 1,7%. Deve-se assinalar que o comportamento da massa de rendimentos reais em 2007 foi resultado do desempenho positivo tanto do nível ocupacional quanto do rendimento médio real, que registraram crescimento de 3,4% e 2,6% respectivamente. No que se refere ao rendimento médio real, este teve um incremento um tanto limitado pela maior elevação dos preços ocorrida em 2007, *vis-à-vis* ao ano anterior.

O crescimento desses três importantes indicadores do mercado de trabalho — o nível ocupacional, o rendimento médio real e a massa de rendimentos reais — refletiu, em alguma medida, o desempenho econômico do RS em 2007. Nesse sentido, de acordo com o Índice Trimestral de Atividade Produtiva (ITAP), a economia do Estado cresceu 7,4% no período jan.-set./07, em relação a igual período do anterior. Assim, trabalha-se com a compreensão de que o comportamento favorável da economia do RS em 2007 teve um impacto positivo sobre a demanda de mão-de-obra e, conseqüentemente, nos principais indicadores do mercado de trabalho da RMPA.

Adicionalmente, a própria elevação da massa de rendimentos reais acabou gerando efeitos positivos sobre a demanda por bens de consumo e contribuindo para o processo de recuperação econômica do Estado em 2007.

Variação percentual da ocupação, do rendimento médio real e da massa de rendimentos reais na RMPA — jan.-out./06 e jan.-out./07



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Raul Luís Assumpção Bastos (FEE/CPED)

Uma breve incursão no dimensionamento do mercado de biodiesel no Brasil

Os desafios ambientais gerados pelo uso intensivo de fontes de energia não renováveis e a escassez — forjada, ou não — de petróleo, que proporciona tendência crescente dos preços, fazem nascer alternativas irreversíveis e crescentes de outras fontes de energia não renováveis. No Brasil, a experiência do Pró-Álcool, seu clima, seu solo e sua tradição em pesquisa com oleaginosas, como a soja, poderão alavancar os biocombustíveis.

As estimativas da demanda do biodiesel aqui apresentadas restringem-se ao B5 (5% de biodiesel no total da mistura) para 2010-20, refletindo uma conjugação entre as taxas de crescimento cenarizadas da economia brasileira (3,0%, 4,0% e 5,0% ao ano) e seus rebatimentos na economia gaúcha. Ambas as estimativas estão ponderadas com as respectivas elasticidades-renda dos requerimentos de diesel de 1,4 para o RS e de

1,2 para o Brasil. Isso significa que, se o PIB crescer 3% ao ano, os requerimentos de diesel crescerão a 4,2% para o RS e a 3,6% para o Brasil, potencializando o mercado; ou, em caso de inércia, além do descaso ambiental, ocorrerá a aceleração do esgotamento das reservas brasileiras de petróleo, estimadas em 20 anos, a culminar no auge da crise do petróleo.

Se a demanda criar a sua própria oferta, sua organização será algo de grande complexidade, pois tratará com um grande número de espécies e variedades em diversas regiões do País, exigindo uma pesquisa de excelência, recursos generosos, manejo adequado e usinas de alta eficiência.

Além disso, existem a questão dos alimentos, que deverá demandar um incremento da produtividade em geral por hectare, a da inadiável inclusão social e o compromisso com a sustentabilidade.

Estimativa dos requerimentos de B5 para o Rio Grande do Sul e para o Brasil — 2010-20

ANOS	PIB-BR a 3,0% a.a.		PIB-BR a 4,0% a.a.		PIB-BR a 5,0% a.a.	
	RS	Brasil	RS	Brasil	RS	Brasil
2010	197	2 435	199	2 550	221	2 668
2011	204	2 523	207	2 672	234	2 829
2012	212	2 613	214	2 800	248	2 998
2013	219	2 707	222	2 935	263	3 178
2014	227	2 805	230	3 076	279	3 369
2015	235	2 906	238	3 223	296	3 571
2016	244	3 011	247	3 378	314	3 785
2017	253	3 119	256	3 540	333	4 012
2018	262	3 231	265	3 710	353	4 253
2019	271	3 347	274	3 888	374	4 508
2020	281	3 468	284	4 075	397	4 779

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Contabilidade Nacional - IBGE, 2007. Contabilidade Regional - FEE, 2007. Balanço Energético Nacional, 2007 - ano-base 2006. Balanço Energético do Estado do Rio Grande do Sul, 2005 - ano-base 2004.

Jaques Alberto Bensussan (FEE/CEES)

A expansão do comércio é para valer

O ano de 2007 foi generoso com o comércio gaúcho. A consistência do crescimento tem-se evidenciado pelo fato de que quase todos os setores têm apresentado taxas de crescimento positivas e em elevação como há muito não se observava. Mesmo a menor variabilidade das taxas entre os setores e entre as regiões reforça isso.

Tanto o comércio varejista como o comércio atacadista apresentaram taxas significativas de crescimento no acumulado do ano até outubro, em relação ao mesmo período de 2006. Os dados do Índice de Vendas do Comércio (IVC), calculado pela FEE, mostram um crescimento de 8,4% para o comércio em geral, 11,5% para o atacadista e 5,8% para o varejista.

Contribuiu para isso a queda da taxa de juros desde 2005, cujo impacto se fez sentir com maior intensidade no setor de bens duráveis, embora o comércio como um todo tenha se beneficiado disso. Os efeitos do alívio da política monetária aparecem com certa defasagem no tempo, de modo que, mesmo com a interrupção, pelo Banco Central, da trajetória de queda da taxa Selic, o comércio deve continuar a colher os frutos do aumento de demanda ainda por certo tempo. As taxas ao consumidor também respondem com certa defasagem em relação a essa taxa e, ainda que lentamente, seguem caindo. Além disso, há um aumento na oferta de crédito, acompanhado por um alongamento nos prazos de pagamentos, que tende a ampliar a base de consumidores.

Outra explicação para o bom desempenho do comércio foi a recuperação do setor agrícola no Estado, o que se reflete

no desempenho excepcional do comércio atacadista de matérias-primas agropecuárias, cujo crescimento foi de 21,4%. Resalte-se, porém, que a base de comparação ficou prejudicada pelo desempenho bastante fraco do setor no período 2004-06.

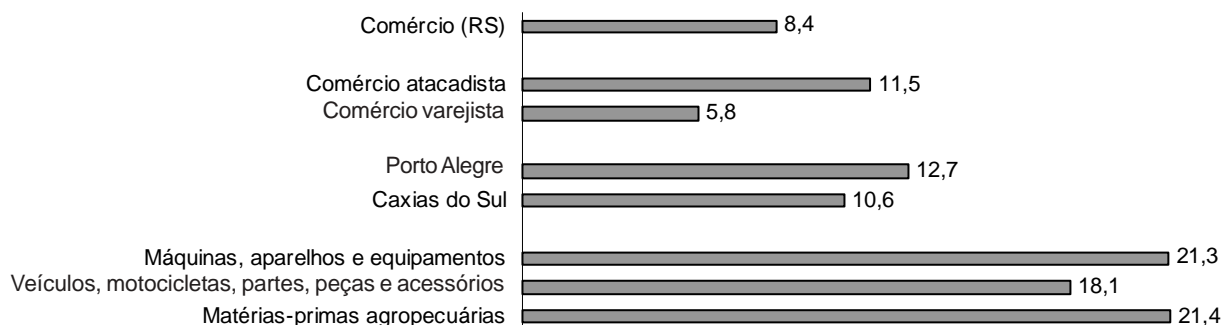
O comércio varejista de veículos, motocicletas, partes, peças e acessórios cresceu 18,1% em 2007, em relação ao mesmo período de 2006, quando já apresentava crescimento significativo. Esse é justamente o setor em que o crédito mais tem crescido.

Já o crescimento do setor atacadista de máquinas, aparelhos e equipamentos (21,3%) sinaliza uma retomada do investimento e oferece uma perspectiva de maior sustentabilidade ao crescimento. O seu desempenho reflete um otimismo em relação a vendas futuras.

Em termos regionais, vale destacar as duas maiores cidades do Estado, Porto Alegre e Caxias do Sul, que apresentaram um crescimento do comércio em geral de 12,7% e 10,6% respectivamente. Esses desempenhos acima da média estão associados aos bons resultados do produto industrial das regiões, que contribuem para a alta da massa salarial e do consumo, mais do que nos municípios menores.

O bom desempenho do comércio, se não ocorrerem choques, deve-se manter ao longo de 2008. Mesmo que a indústria esteja próxima do limite da capacidade instalada, o comércio tem a alternativa de incrementar seu *mix* de produtos ofertados com importações, dada a perspectiva de uma taxa de câmbio favorável a essa estratégia.

Variação percentual do volume de vendas do comércio do RS, por setores e municípios selecionados — jan.-out./07



FONTE: FEE.

Eduardo Lamas (FEE/CIE)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 27.12.07).

ISSN 1517-7262

A Carta de Conjuntura FEE é uma publicação mensal de responsabilidade dos editorialistas. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria do Planejamento e Gestão.

Tiragem: 250 exemplares.



Fundação de Economia e Estatística
Siegfried Emanuel Heuser

Presidente: Adelar Fochezatto

Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição

Diretor Administrativo: Nóra Angela Gundlach Kraemer

Conselho Editorial da Carta: Octavio Augusto Camargo Conceição, Adalberto Alves Maia Neto, Miriam De Toni e Roberto da Silva Wiltgen.

Núcleo de Dados: Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre

CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br

www.fee.rs.gov.br

Editoração

Supervisão: Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Vera Lúcia Pires Dalberto.

Revisão

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Breno Camargo Serafini, Rosa Maria Gomes da Fonseca, Sônia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

Editoria

Coordenação: Cirei Pereira da Silveira. Composição, diagramação e arte final: Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal e Rejane Maria Lopes dos Santos. Conferência: Lourdes Teresinha dos Santos, Rejane Schmitt Hübner e Vera Sonia da Silva Castro. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva. Expedição: Lisete Maria Giroto.